



PARECER N.º 3

O manuscripto *AMERICA*
de Alvaro Martins.

A Commissão de litteratura e artes da «Academia Cearense» a quem foi presente o manuscripto *America*, com que se apresenta o Sr. Alvaro Martins candidato a vaga a preencher na mesma sociedade, vem em desempenho de seu dever adduzir as considerações que lhe ocorreram após reflectida leitura do livro.

America é o arcabouço de futuro livro — de contornos determinados, já de feição accentuada. E' a synthese promissora de livro não limado, eivado ainda de senões, a modificar-se no modo de dizer, mas a permanecer no lineamento dado. Promette o auctor.

Dominado pela concepção, arrastado—como em torrente impetuosa, deixa-se levar em sua laboração psychica, esquecendo aqui, acolá, a plastica. Denotando pressa na execução, o factio enclausura-o dentro de seus altos muros e elle vae sua rota—negligenciando a forma—talvez por aceitar o inaccitavel conselho de Pelletan—recommendo «a divina sciencia da negligencia porque só ella é metade da arte».

E' o ideal tupy—coando-se atravez da esthesia de poeta, um fragmento da tradiçãõ americana, espanejando-se ao calor de uma organisaçãõ litteraria que tenta adivinhar a psychologia do nosso antepassado caboclo.

Respira-se do livro o exquisito perfume das mysteriosas florestas da terra dos Andes e do Amazonas.

Idealisa o poeta o que dada phase da evoluçãõ americana tem de caracteristico — erguendo-se do livro expressiva, fresca, palpitante como as carnes quentes de animal recém-morto.

O homem americano do periodo estudado, a vida historica da tribu reproduzem-se — atravez do temperamento do artista, nitido—como no vidro polido do espelho se reflecte a imagem do objecto fronteiro, repetem-se com os seus usos e costumes grosseiros, grosseiros sentimentos, desforras sanguinarias, paixões lascivas, no seu viver de homem ainda animalisado, escondido, lá, longe, muito longe, como o thesouro da poesia escandinava guardado por dragão medonho no fundo do rio.

Canta o *America* os clarões da madrugada da civilisaçãõ americana.

O poder de evocaçãõ do artista nos transporta ao tempo das scenas pintadas. Alvaro Martins possui o privilegio de nos communicar a sua emocçãõ. Tem paginas que nos dão a sensaçãõ da forma e da cor—como o fazem as artes plasticas. Sente e faz sentir. Inspira-o a *mens diviniõ* do poeta latino.

Absorvido na benedictina leitura das carunchosas chronicas que dão relevo a maneira de viver dos que se foram, apoderaram-se da alma sensivel do artista os arcanos d'essas eras recuadas e o poeta abre as asas á phantasia com as caricias de amoroso bem-querer.

Quando descreve o poeta o infinito das florestas, a enormidade dos rios, o luxo da vegetaçãõ, os despenhadeiros—que se perdem no fundo da terra, as aromas sylvestres, as cores deslumbrantes da natureza americana—tem soberbas metaphoras, lembra de longe paginas dos velhos poemas

ranscriptos illuminando a India encantada do encantado Vichnú.

E a proposito de epopéas—pode perguntar a commissão: seria intuito do artista tactear um trecho a intercalar na poesia collectiva, na poesia da synthese historica, na grande epopéa cyclica da humanidade—que constitue o objectivo de summidades do pensamento contemporaneo? Queria estudar o problema da alliança da poesia e da philosophia da sciencia que constitue a tendencia da arte moderna?

Seria bem lembrado—porque—se lhe falta largo cultivo scientifico—sobra-lhe talento que—multiplicado por um esforço e pelo tempo daria o desejado intento.

Seria bem lembrado—porque a poesia cyclica da humanidade é no actual momento historico questão absorvente de bonissimas intelligencias debruçadas á beira da estrada ascencional do homem acompanhando com interesse vivo e crescente todas as ondulações do caminho percorrido—do cimo das montanhas ás funduras dos valles—desde os horrores da prehistoria ás culminancias do XIX seculo.

Mas não deveria tel-o feito—moldando-a pela litteratura de *La Legende des Siècles* de V. Hugo, da trilogia de Quinet, das *Miragens Seculares* de Th. Braga?

O *America* é, de facto, um poema, como o *Ahasverus*, como a *Bible de l'Humanité* de Michelet, como o *Iracema*, mas não se ajusta ao presumido intuito da poesia cyclica, parece á Commissão.

Ha contudo na sua prosa poetica a magia de uma lingua gem simples e pictoresca, a effusão, a espontaneidade de um espirito elevado.

Tem trechos deliciosos: o apologo da «semente da noite» contado por Areguipa—Ramá na maloca de Morizaba é uma pagina para dar renome. O incendio da occara na lucta com Sinimbú—o chefe das Caraibas recorda o pavoroso fogo no acampamento europeu, inspirado por Cepé a Cambambo—o heróe do «Uruguay» do nosso epico Bazilio da Gama.

E' livro pensado, tem merecimento real—satisfaz o nosso preceito estatutal.

Sala das Commissões da Academia Cearense na Fortaleza, 18 de janeiro de 1897.

PEDRO DE QUEIROZ, relator.

ALVARO GURGEL DE ALENCAR.

RAYMUNDO DE FARIAS BRITTO.

